

Black Faces: o Negro na Fotografia¹

Daniela Padilha RODRIGUES²
Íria Catarina Queiróz BAPTISTA³
Ricardo Henrique Almeida DIAS⁴

Centro Universitário Unifacvest, Lages, SC

RESUMO

Neste trabalho analisamos as imagens da obra *Black Faces* da fotógrafa Marta Azevedo. Tendo como referencial teórico o livro *O óbvio e o obtuso*, do sociólogo francês Roland Barthes, e algumas indicações históricas sobre o negro no Brasil de Luis Luna e Beatriz Marocco, concluímos que a leitura das fotografias da obra *Black Faces* nos permitiu identificar as simbologias e a ligação dos retratos com a identidade do negro, sendo ela cultural, religiosa, histórica e contemporânea.

PALAVRAS-CHAVES: fotolivro; negro; identidade.

Introdução

Alternando luz e sombra revelam-se muitas faces, retratos de negros brasileiros e norte-americanos registrados ao longo de 10 anos pela fotógrafa Marta Azevedo. Esses retratos deram origem ao livro intitulado *Black Faces*, no qual a etnia afrodescendente se destaca. Em cada retrato é contada uma história: o negro e sua origem, a fé e o negro na atualidade.

A partir de um olhar barthesiano, será apresentada a leitura de alguns desses retratos, na qual a análise das poses e suas expressividades são apresentadas na obra da fotógrafa.

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 junho de 2017.

² Acadêmica do 5º semestre do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário Unifacvest. E-mail: danipadilha86@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Jornalista e publicitária, formada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Professora universitária do curso de Comunicação Social do Centro Universitário Unifacvest – Lages-SC, Brasil. Mestra e doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. E-mail: jornalista601@hotmail.com

⁴ Doutor em Educação pela FE/Unicamp (2015). Jornalista formado pelo curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela UFMS (2006). Professor do curso de Comunicação Social do Centro Universitário Unifacvest – Lages-SC, Brasil. E-mail: rhad@mail.com.

Marta Azevedo nasceu no Rio de Janeiro e cresceu no subúrbio carioca, cercada pela cultura negra: jongo, umbanda e samba. Por isso queria retratar a beleza da cultura negra tão presente na sua vida, através da fotografia. Ela deu início ao projeto em 2003, usando luz natural, poses tradicionais e em cor. Em 2004 mudou-se para os Estados Unidos onde recomeçou o projeto, também decidindo mudar completamente o seu estilo. Passou a usar elementos ligados a cultura negra e africana, como palha, argila e miçangas. Além de incluir no seu projeto o negro americano e o africano residente na América.

A expressão facial foi sua prioridade durante o projeto, além da escolha pelo preto e branco, luz e sombra, brilho e contrastes. De acordo com Silveira (2005, p. 171):

A fotografia em preto-e-branco é vista de uma maneira especial por supostamente não ter as cores do mundo visível real. Quando uma fotografia em preto-e-branco é observada, as texturas e formas dos objetos são mais facilmente percebidas, tornando-se “chaves” perceptivas para a memória da sua cor.

Ou seja, uso do preto e branco foi escolhido com a intenção de dar mais dramaticidade às expressões de cada face, olhar e revelando a história que cada negro carrega dentro de si: sua essência. (AZEVEDO, 2012)

Black Faces

Através do retrato a fotógrafa faz um resgate histórico da origem do negro. Segundo Serres (*apud* MAROCCO, 2009, s.p.), “a grande utilidade do retrato prometia ao estudo das raças humanas”. Através do retrato são registradas características singulares da raça negra, sua identidade cultural e histórica. Existem diversas teorias sobre a origem do negro, sendo elas religiosas, antropológicas, sociológicas e biológicas.

Segundo a etimologia negros⁵, negroides ou povo negro são termos usados em sistemas de classificação racial para os seres humanos com fenótipos de pele escura, em relação a outros grupos raciais. Desse modo, um dos primeiros sentidos da palavra “negro” era “escravo”.

De acordo com Guimarães (2016) o termo “raça”, como significado de identidade ou grupo social, encontra muitas dificuldades teóricas, já que há uma

⁵ Disponível em: <<http://blackpagesbrazil.com.br/?p=1971>>

distinção entre a raça definida pelos outros e da raça assumida por si, que é reivindicada politicamente. De acordo com o autor:

São dois processos distintos, embora possam ocorrer simultaneamente. O primeiro, a que reservarei o termo racialização, é o que transforma um conjunto de indivíduos em um grupo racial subalterno, ou simplesmente em raça, a partir de características físicas hereditárias, reguladas pela reprodução biológica, tomadas arbitrariamente, mas justificadas por uma ideologia relativamente consistente, às vezes em bases consideradas científicas. Assim, por exemplo, os diferentes povos aprisionados na África e transportados como escravos para o Brasil colonial e imperial foram transformados, eles e seus descendentes, em negros ou raça negra, processo que se consolidou na Primeira República.

Ainda de acordo com Guimarães (ibidem) esse processo é social e está em constante operação, justamente porque indivíduos e grupos relutam em ser racializados. Ele enfatiza que ideologias individualistas, nacionalistas, regionalistas e a formação das classes sociais constituem recursos constantes na luta contra a racialização.

Todas essas contradições enfrentadas pelos afrodescendentes brasileiros e pela relação entre raça e identidade são retratadas pela fotógrafa Marta Azevedo. Podemos notar como as expressões dos fotografados nos lembram do período escravista no Brasil, bem como sua atual construção identitária através da cultura e ideologia.

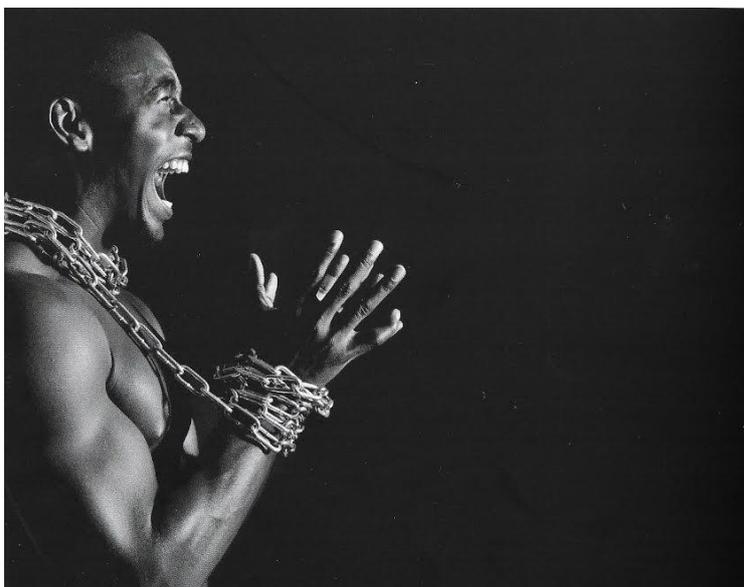


Figura 01: por Marta Azevedo.⁶

⁶

Disponível em: AZEVEDO, Marta. **Black Faces**. 1ª ed. Rio de Janeiro: KBMK, 2012.

Para analisar uma imagem é necessário buscar sua interpretação. De acordo com Baptista e Abreu (2010) as representações, as imagens visuais, são compreendidas por receptores, além do(s) emissor(es) que as reproduzem. Isso é devido porque existe entre tais representações e os elementos representados um teor sociocultural convencional mínimo, estabelecido por um signo motivado, por exemplo, por semelhança. Um dos sociólogos que mais se dedicou ao estudo das imagens foi Roland Barthes. Ele contrapôs o óbvio a leitura cultural que é efetuada a partir da compreensão dos códigos impressos. A interpretação óbvia o autor denominou de obtuso (BARTHES, 1995).

Desse modo, podemos notar na obra de Barthes uma hermenêutica fundada na tradição semiótica que ele criou. De acordo com Fontanari (2013):

A semiótica barthesiana consiste num olhar político sobre os signos, que nada mais é senão excitação do olhar crítico. Essa excitação é uma desconstrução do mundo que nos rodeia, de tal forma que nele encontremos a função-signo, isto é, um mundo signo dele mesmo. Essa função-signo ocorre em muitos sistemas semiológicos cuja substância de expressão não é significar. São objetos de uso sobre os quais a sociedade impôs significação derivada pela finalidade de uso no contexto social. Esforçamo-nos por encontrar neles um desvio de significação que o código constrói por meio da linguagem (p. 114).

Ainda de acordo com Fontanari (ibidem), Barthes fundou epistemologias que romperam com o método estruturalista, na medida em que ele já não acredita mais ser possível viabilizar uma ciência do signo sem que se leve em consideração o contexto sociopolítico e histórico.

Na concepção barthesiana mais madura, esses fatores parecem querer dizer muito mais e produzir muito mais sentido sobre o signo. O signo passa a ser tomado a partir de sua realidade linguística e translinguística, sendo inseparáveis suas faces social e histórica. A semiologia barthesiana seria uma aventura (aquilo que acontece) que vem do significante: uma hegemonia do significante em relação ao significado. O signo é lido como uma produção social e histórica (p. 115).

Na obra *A câmara clara*, Barthes concede uma atenção especial a fotografia. Segundo Fontanari (ibidem), nesse livro o escritor propõe que o signo, na forma de texto, projeta sobre a realidade. “O texto sugere uma maneira de pensar a realidade diante do signo fotográfico. Nessa obra, o autor faz do signo fotográfico – diluído no signo verbal – uma forma de luto. Em termos barthesianos, temos que uma foto é

sempre uma perda (a falta)” (p. 117). A escrita de Barthes faz da forma o próprio conteúdo.

Em seu derradeiro ensaio em vida, Barthes deixa uma silhueta evanescente, rastros, pegadas, gestos escriturais para se pensar, seriamente, a fotografia – registro fotoquímico de que algo existiu e aconteceu (...). A fotografia não é mais um objeto de estudo teórico relativo, mas o sujeito de uma experiência absoluta – prática, afetiva e existencial. Passamos, então, de uma problemática da imagem como um objeto para aquela do sujeito em face da imagem fotográfica. Nesse livro, o semiótico interroga sobre o visível e não sobre o que se dá a ver: aquilo que é concretamente visto pelo sujeito. Trata-se de pensar na “configuração semiótica da luz” e de como ela se apresenta como construção (p. 117).

Fontanari (ibidem) nos lembra que, para Barthes, é inegável a fulgurância de alguns signos fotográficos, que são, na sua mera qualidade de signo, capazes de despertar os mais profundos sentimentos.

Nesse sentido, há, em *A Câmara Clara*, uma semiótica da fotografia, do signo fotográfico, em termos sensíveis em que faz o signo passar pelo corpo. Sendo uma pura ficção, um véu pintado, o signo é a ponte da mediação entre o corpo e os sentidos corporais do ser humano com o mundo. Um processo de mediação – semiose – sem fim.

Fontanari (ibidem) conclui que, em Barthes, a fotografia é considerada como suporte de sentimentalidade, o que podemos perceber na obra fotográfica de Marta Azevedo.

Há um curto-circuito temporal, a ternura manifesta diante daquilo que não volta mais, daquilo que é inapreensível. Isso pertence ao que poderíamos denominar de primeiro nível de apreensão de uma foto. Num segundo nível, observamos uma foto, reconhecemos o que nela (suporte) está registrado, seus motivos. Por fim, há ainda um terceiro e instigante nível de análise que opõe o simples ato de ver fotos ao de lê-las. Ler requer um olhar atento que saiba decifrar uma linguagem visual e as suas especificidades. A chave do pensar semiótico de Barthes está, antes, no sentir aquilo que está posto diante dos olhos. Pura poética da imagem; puro deleite dos sentidos (p. 118).

Para Ramos (2008) a semiologia de Barthes possui características próprias, já que transcende o território dos signos, fazendo-o dialogar com a territorialidade da subjetividade e do social. “Não os vê, de forma linear, mas revestidos de um sentido dialético, através da importância da *conotação*” (p. 159). Já o mito se faz presente através do esquema tridimensional: significante, significado e signo. “Revela-se, como um sistema de significação secundário, marcado e demarcado pela conotação. O que é

signo, no primeiro sistema, se converte em significante do segundo” (p. 162). Ramos (ibidem) lembra também do exemplo de uma foto da capa da revista Paris-Match dos anos 50, do século XX. “Barthes detalha que a foto – um significante – denota um africano, num uniforme francês, saudando a bandeira da França. Subjacente, está uma conotação de que a França é um grande império colonial” (p. 163). O papel do semiólogo, dessa maneira, é conceber o mito como uma forma de fala produzida pela conotação.

Uma linguagem fortemente conotativa é o que pode ser encontrada na obra fotográfica de Marta Azevedo. Na figura 1 a fotógrafa escolheu a melhor forma de reproduzi-la para passar a mensagem que remete a origem do negro. Nesse caso é a escravidão, pois na imagem um homem negro aparece com suas mãos acorrentadas, o que nos remete aos maus tratos sofridos durante a escravidão. Conforme Luna (1976, p. 95): “O negro, ao contrário do que se costuma dizer, nunca se submeteu pacificamente a escravidão”.

Dessa forma, a expressão facial do negro na imagem demonstra desespero, clamor e revolta. Com os olhos fechados e sua boca aberta interpretamos essa expressão como um pedido de socorro.

Sua pele escura, mãos alongadas, seus braços fortes, lábios grossos e dentes brancos são algumas das características que constituem o estereótipo do negro. Segundo Luna (1976, p.74): “Eram estes fortes braços feitos ao trabalho”. Por isso, essa fotografia possui tanto o sentido denotativo, já que retrata a condição dos negros até a sanção da Lei Áurea que aboliu a escravidão no Brasil, quanto o sentido conotativo, pois as correntes simbolizam a privação do direito a liberdade.



Figura 02: por Marta Azevedo.⁷

A palavra fé (*fides*) significa em termos cristãos “confiança” e “fidelidade”. Para a fotógrafa é na fé que o negro traz consigo sua esperança e é na fé que ele expressa sua maior força. Seja através da linguagem conotativa ou denotativa, ou ainda nos signos de representação.

Para representar a fé do negro a fotógrafa teve como inspiração os orixás, nos quais ela retrata a força de uma crença rica em preceitos e simbologias que cultuam a natureza e os orixás. Segundo Gaardan, Hellern e Notaker (2000, s.p.): “Os orixás vieram da África com os escravos. A cada orixá cabe reger e controlar as forças da natureza assim como certos aspectos da vida humana”.

Sendo assim, cada orixá é simbolizado por um santo. No caso da imagem o orixá é representado pela imagem do São Jorge, que é considerado o deus da caça e da fauna. A palha que cobre o rosto e o corpo do negro representa que aquele orixá ao qual segura em suas mãos é o “senhor” da sua cabeça, mente e corpo. Os búzios representam que

⁷

Disponível em: AZEVEDO, Marta. **Black Faces**. 1ª ed. Rio de Janeiro: KBMK, 2012.

para que saiba a qual orixá se pertence deve jogar os búzios e isso é feito somente pelo babalorixá (pai de santo) ou pela iolorixá (mãe de santo).

Para Gaardan, Hellern e Notaker (2000, s.p.): “Por meio de uma riquíssima narrativa mítica, a religião dos orixás modelam e legitimam o comportamento dos fiéis.” Assim eles passam a assumir para si a personalidade do orixá ao qual representam.

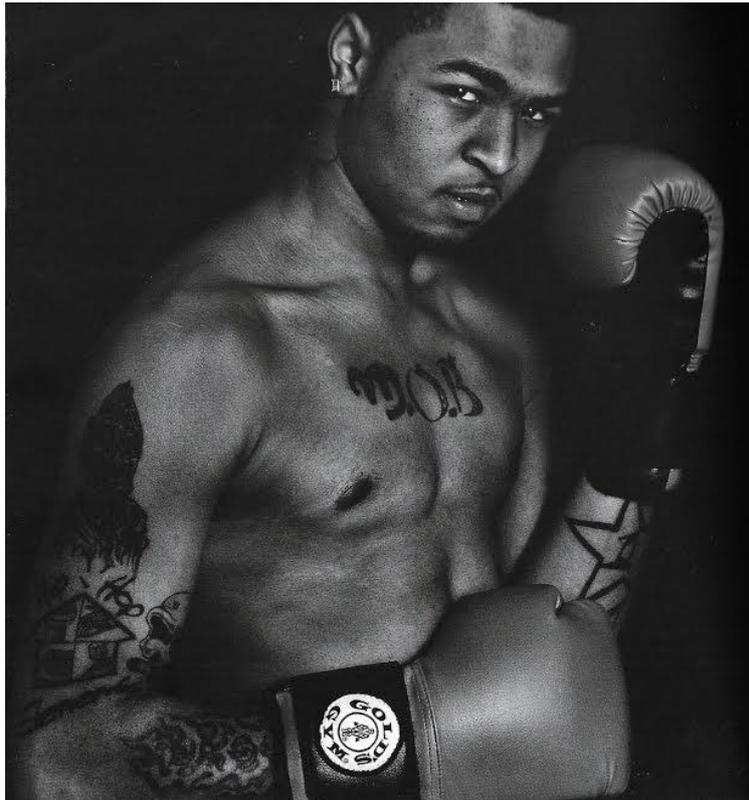


Figura 03: por Marta Azevedo.⁸

A figura 3 representa que o negro de hoje demonstra um olhar muito atento. Através de câmeras e lentes apresenta uma nova abordagem, uma imagem de alguém que conquistou sua liberdade e ainda luta para garantir os direitos igualitários. Reconhecendo essas mudanças, conquistas e lutas, a fotógrafa retrata um negro da contemporaneidade, um rosto iluminado.

Através da análise da sua pose, olhar, posição de suas mãos e braços, o negro lutador demonstra empoderamento. A pose vai definir a partir de atitudes estereotipadas que constituem elementos de significação. Na imagem o estereótipo do negro atual

⁸

Disponível em: AZEVEDO, Marta. **Black Faces**. 1ª ed. Rio de Janeiro: KBMK, 2012.

assume características da modernidade, com tatuagens pelo corpo e um lutador em pose de luta que passa a mensagem que ainda luta pela conquista de seu espaço na sociedade.

Dada à complexidade da linguagem humana, seus signos e respectivas significações. Roland Barthes define a semiótica como sendo a ciência que se ocupa do estudo de qualquer sistema de signo, considerando suas substâncias e/ou limites. Ele refuta o linguista Ferdinand de Saussure (*apud* BARTHES, 2006, p. 13) quando diz que: “A linguística não é uma parte, mesmo privilegiada, da ciência dos signos: a semiologia é que é uma parte da linguística; mais precisamente, a parte que se encarregaria das grandes unidades significantes do discurso”. Através das tatuagens a imagem passa uma leitura da personalidade, gostos, uma mensagem é passada através de palavras e símbolos tatuados em sua pele.

Considerações finais

As imagens aqui apresentadas representam a identidade do negro reproduzida através da fotografia. Retratos que revelam as marcas de um povo, uma raça, nos quais representam os estereótipos do negro e da sua história. A fotógrafa Marta Azevedo aprofundou técnicas fotográficas, tais como: luz e sombra, contrastes, a dramaticidade do preto e branco, uso de palha, adereços, tatuagens, enquadramentos. A expressão corporal e facial foram as prioridades da fotógrafa, possibilitando na leitura das imagens a identificação das emoções retratadas em suas faces e em seus corpos que iluminam.

Os gestos, poses, olhares e suas expressões revelaram sentimentos e emoções. Contaram histórias através dos retratos, percepções de identidade em cada expressão facial traduzindo clamor, raiva, zelo, devoção, raízes com sua origem, história de luta, de sofrimento e hoje de empoderamento. Uma das tarefas do semiólogo, de acordo com Barthes (1996) é produzir conceitos, fruto de uma prática translinguística, na qual a imagem dialoga com a linguagem verbal e com o contexto social e histórico pragmático. Na obra fotográfica de Marta Azevedo podemos notar com a fotógrafa consegue produzir conceitos através da fotografia, o que torna sua obra uma fonte pertinente para estudos futuros com maior profundidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Marta. **Black Faces**. 1ª ed. Rio de Janeiro: KBMK, 2012.

BAPTISTA, Iria C. Q.; ABREU, Karen C. Fotografia na imprensa: a mensagem visual publicizada. **Bocc**, Covilhã, 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-fotografia-na-imprensa.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

BARTHES, Roland. **Elementos da Semiologia**. 16 ed. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **O óbvio e o obtuso**. 70 ed. Trad. Lea Novaes. Lisboa: Edição, 2015.

BLACK Pages Brazil. **Origem e significado da palavra preto (a) e negro (a)**. Disponível em: <<http://blackpagesbrazil.com.br/?p=197>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

FONTANARI, Rodrigo. Roland Barthes e o signo fotográfico. **Revista USP**, v. 97, 2013.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Formações nacionais de classe e raça. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, v. 28, n. 2, 2016.

LUNA, Luis. **O negro na luta contra a escravidão**. Rio de Janeiro: Editora Catedral Ltda, 1976.

MAROCCO, Beatriz. Os negros na fotografia, às margens do jornalismo, signos do fotojornalismo. **O olho da História**, Salvador, 2009.

RAMOS, Roberto José. Roland Barthes: a semiologia dialética. **Conexão**, Caxias do Sul, v. 12, 2008.

SILVEIRA, Luciana Marta. A cor da fotografia preto-e-branco como uma flagrante manifestação cultural. **Revista tecnologia e sociedade**, Curitiba, n. 1, p. 151-175, out. 2005.